

## A PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL NO EXTREMO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

### Área temática: Educação

Coordenador da Ação: Josias Pereira<sup>1</sup>

Autor: Ana Paula Ogliari Casagrande<sup>2</sup>

Mateus Brum de Armas<sup>3</sup>

### RESUMO

Vivemos em um mundo de constantes mudanças, muitas delas realizadas pela tecnologia, que diminuiu a distância entre as pessoas. Portanto, possibilitou que usuários desta, sem conhecimento técnico, se tornassem produtores de conteúdo. Fotografar e realizar vídeos, se tornou algo comum no dia-a-dia dos alunos que, para isso, contam com aparelhos como celular, máquina fotográfica e Tablets cada vez mais sofisticados. Depois da realização dos vídeos, esses alunos exibem suas produções nos sites, trocam fotos, informações nas redes sociais, em espaços em que sua cultura é debatida, provavelmente aceita. Assim, trouxemos algumas indagações pertinentes, são elas: - Como a escola utiliza essas tecnologias de produção de vídeo? Será que essas tecnologias possibilitam uma prática docente diferenciada com o uso desses equipamentos? Nesse sentido, em 2011 criamos um projeto de extensão que auxilia professores e alunos a produzir vídeos estudantil e auxilia as SMED (Secretaria Municipal de Educação) a criar um festival de vídeo estudantil. Assim, em 2016 chegamos ao total de seis cidades gaúchas realizando o Festival vídeo estudantil. Já auxiliamos a criação de mais de 200 vídeos estudantis, nestes seis anos de projeto. Assim, o objetivo do estudo é analisar como a realização de vídeo, construída por alunos e professores, contribui no processo educacional. A metodologia utilizada é uma Pesquisa de Campo. Os resultados parciais apresentam que essa produção potencializa o relacionamento entre os sujeitos escolares: discentes e docentes.

**Palavras-chave:** Vídeo Estudantil, Vídeo Escolar, Cinema na Escola.

### 1 INTRODUÇÃO

A produção de vídeo é uma realidade da sociedade atual. Hoje, os jovens, através de celular e Tablets, realizam gravações de vídeos, exibindo-os em redes

<sup>1</sup>Doutor em Educação e Pós doutor em Semiótica, Centro de Artes, UFPel, e-mail: [josiasufpel@gmail.com](mailto:josiasufpel@gmail.com)

<sup>2</sup>Aluna do curso de Cinema e Audiovisual, UFPel

<sup>3</sup> Aluno do curso de Cinema e Audiovisual, UFPel



APOIO:



CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



sociais. Desde a década de 1920, pesquisadores como Roquette - Pinto defendiam o uso dos meios de comunicação na sala de aula, na época, representados pelo rádio e o cinema.

No século XXI, devido à globalização, os recursos para produção audiovisual digital se tornaram bastante acessíveis e com a evolução tecnológica, essa ação foi se intensificando. Atualmente, várias escolas trabalham com filmes e algumas avançam nesta relação, produzindo seus próprios vídeos. A produção de vídeos apresenta-se como uma alternativa que possibilita a mudança de ação do aluno/professor de mero espectador para criação e autoria. A transposição do papel de mero espectador de conteúdos audiovisuais, para o de produtor audiovisual é uma realidade em algumas escolas. A primeira oficina de vídeo foi realizada na escola Independência (periferia da cidade de Pelotas/RS) para ajudar a produzir um vídeo na escola. O projeto então foi ampliado para a cidade e em 2012 criamos junto à prefeitura da cidade de Pelotas/RS o I Festival de Vídeo Estudantil do município, aberto a todas as escolas públicas da cidade. O objetivo do projeto é incentivar professores e alunos a produzirem vídeo estudantil e analisar se está ação contribui no processo educacional. O público alvo é centrado nos alunos das escolas públicas (Ensino Fundamental, Médio e EJA). Assim, também no ano de 2011, criamos oficinas para capacitar os professores, com o objetivo de instrumentalizá-los para a realização dos vídeos estudantis com seus alunos. Potencializando essa proposta, criamos uma página eletrônica no site *You tube*, a qual que já teve mais de 11 milhões de acessos aos vídeos - aulas e web séries<sup>4</sup>.

Dessa forma, no ano de 2014 começamos a expandir o projeto de extensão a pedido de outras cidades gaúchas e ano de 2016, chegamos a seis cidades, as quais apoiamos para que pudessem criar o festival de vídeo estudantil. Em cada cidade, em média são 15 professores que produzem vídeo, mobilizando em média, 300 alunos.

## 2 DESENVOLVIMENTO

O projeto é desenvolvido de uma maneira simples, tentamos criar um método de ação que pode ser usado como abordagem para as diversas cidades que entramos

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/user/producaovideoescolar>



APOIO:

Integração  
que gera energia  
e desenvolvimento



Fórum de Provedores  
de Extensão  
das Universidades Públicas  
Brasileiras

CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:



em contato, oferecendo parceria na criação do festival de vídeo estudantil. Em um primeiro contato, dialogamos com as representatividades das SMED's de cada cidade, para que, além do apoio, pudéssemos coloca-los a par do projeto, conseqüentemente, valorizando os professores municipais participantes, produtores dos vídeos estudantis. A partir de então, primar pela valorização do trabalho do docente, entendendo que a produção de vídeo estudantil é uma realidade que difere do dia a dia do professor. Nesse sentido, em uma pesquisa realizada por Mattos e Pereira (2017) nos cursos de Licenciatura e Pedagogia nas principais Universidades do Rio Grande do Sul, os dados apontaram que apenas dois cursos têm a tecnologia como disciplina e analisando os conteúdos, os autores verificaram que tais disciplinas implicam em análise e discussão teórica da tecnologia não da prática. Assim, como o futuro professor vai realizar vídeo com os alunos sem ter capacitação técnica para essa ação?

Para os professores, apresentamos a prática do audiovisual e como realizar essa ação de fazer vídeo na ótica pedagógica. Já com os alunos realizamos uma oficina prática, em que eles podem aprender as questões práticas do cinema. Percebemos que nossas ações práticas estão em consonância com vários teóricos da área de Cinema, Educação, Neurociência e Semiótica. Nosso grupo de pesquisa GP<sup>2</sup>VE (Grupo de Pesquisa de Produção de Vídeo Estudantil) desde o ano de 2016, analisa estas ações e como o professor pode utilizar destas teorias dentro do seu fazer pedagógico, com a produção de vídeo estudantil. Os meios audiovisuais estão na sociedade e dentro da escola, os alunos produzem mídia e trocam nas redes sociais e a escola pode se aproveitar deste conhecimento, dos alunos para utilizá-los dentro do processo educacional. Essa produção, embora exista nas escolas, ainda não é muito explorada pedagogicamente. Kaplún (1998) propõe que na educação, os meios de comunicação não sejam restritos ao campo da instrumentação, mas do pensar a sociedade a partir do uso destas ferramentas. O docente deve usar a tecnologia como meio para alcançar um objetivo pedagógico, pois a mesma sem uma ação pedagógica vira inócua.

As tecnologias contribuem para mudanças sociais. O homem, ao atuar “sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (MARX,1985, p.49). Não podemos negar as mudanças sociais que as



APOIO:

Integração  
que gera energia  
e desenvolvimento  
**ITAIPU**  
BINACIONALFórum de Proletários  
de Extensão  
das Universidades Públicas  
Brasileiras

CO-ORGANIZAÇÃO:

**unioeste**  
Universidade Estadual de Maringá do Paraná  
Paraná**INSTITUTO  
FEDERAL**  
Paraná

REALIZAÇÃO:

**UNILA** | PROEX  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

tecnologias estão proporcionando. O celular, por exemplo, ampliou o ato de tirar foto, saindo da área técnica de comunicação para que qualquer indivíduo possa tirar uma fotografia, fazer o click, que eterniza um momento, situação, ou algo visto.

Percebemos que apenas fazer vídeo não seria interessante para os alunos das escolas, por isso no ano de 2012 criamos o projeto de extensão Festival de Vídeo Estudantil, em que incentivamos cidades da região sul a criarem um festival de vídeo estudantil e que o mesmo fosse organizado pela SMED local e que a votação dos vídeos fosse realizada pelos alunos das respectivas cidades. Contudo, tivemos críticas, entre elas: - Por que não realizar essa ação com a Secretaria Municipal da Cultura de cada município? E para tal questionamento respondemos: Queremos valorizar o professor e a ação pedagógica do vídeo e não apenas realizar o vídeo como um instrumento ou suporte.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Este projeto de extensão contribui com o processo educacional dos alunos do curso de Cinema e Audiovisual da UFPEL, alguns deles passam a conviver com a realidade das escolas públicas de vários municípios, tendo que adaptar toda a sua técnica para a realidade local dos alunos, trabalhando com software livre. No ano de 2015 a aluna Kelly Demo Christ em seu TCC, apresentou como o tema: História dos curtas dos alunos- refletindo que os vídeos do festival têm ligação com a realidade social e cultural dos estudantes. No ano de 2016 o aluno Regis Dutra pesquisou no seu TCC como a produção de vídeo ajuda no processo de ensino- educação.



Figura 1 – gravação curta em Pelotas  
Fonte do autor



Figura 2 – escola rural Pelotas  
Fonte do autor



Figura 3 – Exibição Pelotas  
Fonte do autor



Figura 4 – Exibição cinema  
São Leopoldo - Fonte do autor



Figura 5 – site de votação  
Fonte do autor



Figura 6 – Exibição Capão do Leão  
Fonte do autor

As imagens acima apresentam um resumo dos cinco anos do projeto. Nas fotos um, dois e três na cidade de Pelotas/RS, a figura quatro e cinco é referente a cidade de São Leopoldo/RS com a votação recorte de 73 mil pessoas votando nos vídeos estudantis e a figura seis, demonstra os alunos do município do Capão do Leão assistindo o festival. Assim, ao final de cada festival, conversamos com professores e representantes das SMED's de cada cidade participante, para analisar o que foi feito e o que pode ser modificado e qualificado no processo. A Universidade, representada por nós, respeita as diversidades e cada cidade tem autonomia para modificar o projeto e adaptar a sua realidade, estando em consonância com o que a sociedade precisa, um exemplo desta ação é que originalmente não apoiávamos ações de escolas na criação de festivais ou mostras, porém depois de conversa com professores e alunos de diversas cidades, percebemos a necessidade de apoiar estas ações isoladas, sendo assim apoiamos a mostra da escola Municipal Santa Rita localizada na cidade de Guaíba/RS. O projeto foi uma iniciativa da professora Joana Rodrigues Macedo. A professora com o apoio do projeto de extensão conseguiu realizar seis vídeos com os alunos.

Este ano também, ampliando os horizontes, saímos do estado do Rio Grande do Sul e colaboramos para a criação do festival de vídeo na cidade de Irani/SC e apoiamos o II festival de Vídeo Estudantil de Palmas em Tocantins. Percebemos que essas ações da extensão têm tomado dimensões maiores do que a inicial, provavelmente, pelo fato de estarmos seguidamente ouvindo a comunidade externa a Universidade e nos adequando as necessidades dos mesmos. Assim, criamos em 2016 o I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil<sup>5</sup> para que pesquisadores e professores possam debater sobre essa ação e aceitamos artigos e relatos de experiência de professores e de alunos das escolas de Ensino Fundamental, Médio e EJA, dando voz a quem de fato realiza a produção de vídeo estudantil. E no ano de 2017 criamos a revista eletrônica Roquette Pinto em que professores e alunos escrevem sobre o que estão realizando e como é a produção de vídeo estudantil dentro da sua escola.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que na prática a resistência que existe entre os professores é em função de não saberem como pode ser realizado dentro do espaço escolar um vídeo.

<sup>5</sup> <http://videoestudantil.com.br>



APOIO:

Integração  
que gera energia  
e desenvolvimento  
**ITAIPU**  
BINACIONAL

Fórum de Provedores  
de Extensão  
das Universidades Públicas  
Brasileiras

CO-ORGANIZAÇÃO:

**unioeste**  
Universidade Estadual de Maringá do Paraná  
Paraná

**INSTITUTO  
FEDERAL**  
Paraná

REALIZAÇÃO:

**UNILA** | PROEX



Assim, criamos um site para que estes possam ser capacitados para compreender como podem realizar de forma pedagógica, dentro da sala de aula, o seu vídeo, buscando assim, diminuir a distância entre a teoria e a prática.

A criação do Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil tem por objetivo contribuir para que os professores conheçam um pouco da realidade e das dificuldades vivenciadas por outros professores e assim, o grupo possa discutir, refletir, ampliar e potencializar seus conhecimentos, crescendo nos aspectos pedagógicos, principalmente. A Revista eletrônica de Vídeo estudantil Roquette Pinto<sup>6</sup>, nasceu dos anseios docentes, para que seus debates não ficassem apenas para o final do ano, quando acontece o congresso.

O crescimento dos festivais de vídeo estudantis no Brasil e de escolas que estão produzindo vídeo, mesmo sem o apoio das secretarias de educação, em sua maioria, mostra que o projeto de extensão está em sintonia com o que a sociedade está realizando. Tanto na revista, quanto no congresso, abrimos espaços para que os alunos do Ensino Fundamental, Médio e EJA possam escrever para estes espaços, supervisionados por um professor, oportunizando a estes, espaços reflexivos que permitam, desde já refletirem sobre suas práticas.

O futuro desse projeto de extensão é continuar ouvindo e respeitando as realidades docentes e discentes, tanto no que tange a produção de vídeo, quanto ao apoio a construção de outros festivais e mostras de Vídeos Estudantis. Essa proposta se amplia no momento em que nossos espaços de divulgação são oportunizados- Revista Eletrônica e Congresso- para potencializar as múltiplas inteligências e, sobretudo, qualificar o ensino para além da sala de aula, mas sobretudo, otimizar e intensificar as relações entre os sujeitos escolares: Alunos e Professores.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, Ruy. **Roquette-Pinto, O homem multidão**. Revista especial dos 60 anos da Radio MEC. Rio de Janeiro, 1996.
- KAPLUN, Mário. **Procesos educativos y canales de comunicación**. Quito : En Rev. Chasqui ,1998.
- MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. São Paulo: Nova. Cultural, 1985.
- PEREIRA, Josias. **A Produção de Vídeo Nas Escolas**. Pelotas: UFPel, 2012.
- PEREIRA, Josias; MATTOS, Daniela Pedra. **A Utilização das Tecnologias na Prática da Sala de Aula: Entre Práticas e Teorias Que Distanciam**. VI CBE – Congresso Brasileiro de Educação. 2017

<sup>6</sup> <http://videoestudantil.com.br/revista/>



APOIO:



CO-ORGANIZAÇÃO:



REALIZAÇÃO:

